UNIVERSIDADE
EDUARDO
MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

Uma análise da construção da identidade com referência a homossexualidade: estudo etnográfico no contexto da cidade de Maputo

Candidata: Deisy Milena Barbosa Manuel Mateus

Supervisor: Emídio Vieira Salomone Gune

Maputo, Dezembro de 2025

Uma análise da construção da identidade com referência a homossexualidade: estudo etnográfico no contexto da cidade de Maputo

Trabalho de Culminação de Estudos na modalidade de Projecto de Pesquisa, submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane

A candidata

(Deisy Milena Barbosa Manuel Mateus)

Supervisor	**Presidente**	**Oponente**
_____	_____	_____

Maputo, Dezembro de 2025

Declaração

Declaro por minha honra que o presente trabalho de pesquisa para a obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia, nunca foi publicado por alguém ou por outra instituição, estando indicada no texto a bibliografia da informação usada para a sua elaboração.

Maputo, Dezembro de 2025

_____

(Deisy Milena Barbosa Manuel Mateus)

Dedicatória

A minha mãe Benilde Uamir e ao meu pai Barbosa Mateus (em memória) que nunca pouparam esforços para ajudar-me a formar-me como antropóloga.

Agradecimentos

A Deus pelo dom da vida, por ter me dado saúde, força, sabedoria e coragem para superar as dificuldades que enfrentei ao longo deste percurso, para chegar até aqui.

Agradeço ao meu supervisor Emídio Vieira Salomone Gune pela paciência, disponibilidade, orientação ao longo do processo de elaboração deste trabalho, pelas sugestões, críticas e pelo acompanhamento constante, fundamentais para o desenvolvimento deste estudo e para o meu crescimento académico.

Aos meus pais Barbosa Mateus (em memória) e Benilde Uamir, pela presença constante, pelo amor, atenção, carinho, dedicação, paciência e confiança que sempre depositaram em mim.

Ao meu pai por ter estado comigo em todos os momentos da sua vida, pela presença ao longo do meu percurso estudantil e pelo encorajamento para conquistar os meus sonhos e a nunca desistir daquilo que eu realmente desejo.

A minha mãe por tudo que tem feito por mim, por segurar a minha mão e estar do meu lado, sempre e incondicionalmente. As minhas irmãs Maisse, Ângela, Ivânia e Larissa pelo incentivo, carinho e presença que contribuiram para que eu me mantivesse motivada e determinada.

As minhas amigas Neusa e Juscyline, pelas risadas e por acreditarem em mim, tornando esta jornada mais leve, mesmo em dias de cansaço.

A todos, o meu muito obrigado!

Resumo

O presente estudo analisa a construção da identidade homossexual a partir da interação com interlocutores na cidade de Maputo. No que diz respeito à literatura sobre o tema, identificam-se três principais perspectivas. A primeira compreende a homossexualidade como uma construção social e histórica, moldada por normas, discursos e mecanismos de regulação dos comportamentos. A segunda enfatiza a homossexualidade enquanto experiência vivida nas interações sociais, destacando a flexibilidade das identidades e a diversidade de trajetórias individuais. A terceira situa a homossexualidade em contextos específicos, com destaque para realidades africanas e moçambicanas, onde fatores históricos, culturais e sociais influenciam as formas de vivência e organização das identidades.

De forma geral, essa literatura permite compreender a homossexualidade como uma realidade social e cultural, marcada pela diversidade de experiências e pela constante transformação das identidades. No entanto, apresenta limitações, sobretudo no que diz respeito à análise das dinâmicas internas entre os próprios sujeitos e às estratégias concretas de negociação da identidade no quotidiano.

Diante deste problema, conduzi uma pesquisa etnográfica na cidade de Maputo. A partir da pesquisa, compreendi que a homossexualidade é uma construção social influenciada pelos meios de comunicação e pelas normas culturais que orientam os modos de pensar e de agir no quotidiano. Essa construção é afirmada enquanto identidade sujeita a um sentido de normalidade por parte dos pares homossexuais e contestada por outros, deixando os indivíduos que se identificam como homossexuais em tensão. Diante dessa tensão eles adequam a sua identidade ao contexto em que se encontram, o que os coloca numa situação em que as suas identidades são maleáveis e se ajustam às pressões exercidas em cada contexto.

Neste estudo, compreendo que a identidade homossexual se constrói constantemente em tensão com as normas sociais sobre o que é considerado aceitável, tanto em relação a heterossexualidade quanto em relação a homosexualidade. Dependendo do contexto, os indivíduos reivindicam a sua identidade homossexual quando possível e ajustam-se quando necessário ao ritmo das identidades demandadas, num exercício contínuo de negociação e adaptação.

Palavras-chave: Construção social, identidade homossexual, representações sociais.

Índice

Declaração I

Dedicatória II

Agradecimentos III

Resumo IV

1.Introdução 1

2. Revisão de literatura 3

3. Quadro teórico e conceitual 6

3.1 Quadro téorico 6

3.2 Conceitualização 7

4. Procedimentos metodológicos 10

4.1. Método 10

4.2. Processo de recolha e registro de dados 10

4.3. Processo de tratamento e análise de dados 12

4.4. Constrangimento da pesquisa 13

4.5. Questões éticas da pesquisa 14

5. Processo de construção das identidades afirmadas 16

5.1 O discurso de ser homossexual 16

5.2 A constituição do ser homossexual 19

5.3 Como os heterossexuais identificam os homossexuais 21

5.4 Como os homomossexuais identificam-se entre eles 25

5.5 Regras e performance de ser homossexual 27

5.6 Identidades disputadas contestadas e ajustadas 29

6.Conclusão 33

Referências bibliográficas 34

1. Introdução

O presente estudo analisa a construção das identidades homossexuais e as dinâmicas que as configuram na cidade de Maputo. O interesse pelo tema surgiu a partir de observações do quotidiano, nas quais práticas, comentários e interações sociais revelam diferentes formas de perceção e vivência da homossexualidade em diversos contextos.

No quotidiano, observei que expressões de afeto entre pessoas do mesmo sexo geram reações diversas, como curiosidade, estranhamento ou crítica. Em algumas situações, verifiquei também que determinados indivíduos ajustam o seu comportamento de acordo com o ambiente social em que se encontram, recorrendo a estratégias de adaptação face às normas vigentes. Estas experiências despertaram o meu interesse em compreender as tensões, negociações e estratégias de afirmação presentes na construção da identidade homossexual.

No que diz respeito ao tratamento do tema na literatura, observo que os estudos sobre sexualidade e identidade abordam estas categorias como construções historicamente situadas e socialmente reguladas, moldadas por discursos institucionais, culturais e morais. Esses estudos analisam também as interações sociais do quotidiano, nas quais as identidades sexuais se produzem através de práticas de aceitação, estigma, resistência e negociação.

A partir da análise da literatura, identifico três principais tendências. A primeira centra-se na compreensão da homossexualidade como construção social e histórica, associada a normas e mecanismos que regulam os comportamentos. A segunda enfatiza a homossexualidade enquanto experiência vivida nas interações sociais, destacando a flexibilidade das identidades e a diversidade de trajetórias e formas de autoidentificação. A terceira situa a homossexualidade em contextos específicos, com destaque para realidades africanas e moçambicanas, onde fatores históricos, culturais e sociais influenciam as formas de vivência e organização das identidades.

Essa literatura contribui para a compreensão da homossexualidade como fenómeno social e cultural, mas apresenta limitações na análise das dinâmicas internas entre os próprios sujeitos e das estratégias concretas de negociação da identidade no quotidiano.

Diante deste cenário, realizei uma pesquisa etnográfica, que me permitiu captar práticas, narrativas e interações sociais relacionadas com a construção das identidades. Do ponto de vista teórico, neste estudo parto da compreensão de que a homossexualidade é uma construção social dinâmica, atravessada por normas, discursos e relações de poder que influenciam a forma como os sujeitos se identificam e se posicionam socialmente. Assim, compreendo a identidade homossexual como resultante de processos contínuos de negociação e adaptação em diferentes contextos sociais.

A partir da pesquisa compreendi que a homossexualidade é uma construção social influenciada pelos meios de comunicação e pelas normas culturais que orientam os modos de pensar e de agir no quotidiano. Essa construção é afirmada enquanto identidade sujeita a um sentido de normalidade por parte dos pares homossexuais e contestada por outros, deixando os indivíduos que se identificam como homossexuais em tensão. Diante dessa tensão eles adequam a sua identidade ao contexto em que se encontram, o que os coloca numa situação em que as suas identidades são maleáveis e se ajustam às pressões exercidas em cada contexto. Deriva então que, neste estudo, compreendo que a identidade homossexual se constrói constantemente em tensão com as normas sociais sobre o que é considerado aceitável, tanto em relação a heterossexualidade quanto em relação a homosexualidade.

O presente estudo está estruturado em seis partes. Após a introdução, na segunda parte a revisão de literatura, seguida do quadro teórico-conceitual, na terceira parte. Na quarta parte apresento a metodologia, seguida da apresentação da análise e discussão dos resultados, na quinta parte e, por fim, as considerações finais, na sexta parte.

2. Revisão de literatura

A literatura analisada permite compreender que a homossexualidade tem sido tratada como uma realidade social e historicamente construída, afastando-se de leituras que a apresentam como algo natural ou universal. As identidades sexuais, nesse sentido, não são fixas, mas resultam de processos sociais e culturais que influenciam a forma como os indivíduos se percebem e se posicionam nas suas relações.

Ao olhar para a forma como a sexualidade foi sendo construída ao longo do tempo, percebe-se que as categorias utilizadas para definir surgem em contextos históricos específicos, estando ligadas a mecanismos de controlo e regulação dos comportamentos. Foucault (1999) ajuda a compreender que a própria ideia de identidade sexual é produzida socialmente. De forma próxima, Berger e Luckmann (2004) mostram que a realidade social, incluindo as identidades sexuais, é construída nas interações do dia-a-dia, sendo continuamente produzida e transformada.

Essa compreensão torna-se ainda mais evidente quando se considera que género e sexualidade não são dados fixos, mas vão sendo construídos através de práticas repetidas ao longo do tempo. Butler (2003) demonstra que as identidades se formam nesse processo de repetição de normas sociais. Ao mesmo tempo, Bozon (2004) evidencia que as práticas sexuais são influenciadas por normas sociais e variam de acordo com o contexto em que ocorrem, reforçando a importância de situar essas experiências.

A análise da relação entre práticas e identidades torna essa diversidade ainda mais evidente. Nem sempre aquilo que os indivíduos fazem corresponde à forma como se identificam, o que mostra a complexidade dessas experiências. Nesse sentido, Parker (1991) demonstra que há sujeitos que mantêm relações com pessoas do mesmo sexo sem se assumirem como homossexuais. Já Heilborn (1999) destaca que a construção da identidade acontece ao longo das trajetórias individuais, sendo marcada por negociações e ajustamentos nas interações sociais. Embora esses contributos sejam importantes para mostrar a diversidade existente, ainda deixam pouco exploradas as tensões que podem surgir entre os próprios sujeitos.

No contexto moçambicano, essas dinâmicas assumem contornos próprios. Pedro (2021) demonstra que as relações entre sujeitos homossexuais podem organizar-se de formas que desafiam modelos mais convencionais, incluindo redes de apoio e formas alternativas de

conjugalidade. Por outro lado, Mugabe (2021) mostra que experiências de pessoas trans em Maputo são marcadas por processos de afirmação, mas também por exclusão e dificuldades de reconhecimento.

Outro aspeto importante diz respeito às categorias e classificações utilizadas para definir identidades e práticas. Essas categorias não são neutras e acabam por produzir diferenças entre os sujeitos. Bozon (2004) mostra que as práticas sexuais são moldadas por normas sociais e variam conforme o contexto, enquanto Fry e MacRae (1985) evidenciam que as classificações contribuem para a criação de hierarquias no interior dessas comunidades. Apesar de oferecerem bases importantes para essa reflexão, esses autores tendem a dar mais atenção às estruturas sociais do que às experiências concretas do quotidiano.

Quando se olha para o contexto africano de forma mais ampla, torna-se evidente que as experiências ligadas à sexualidade são diversas. Tamale (2011), Epprecht (2013) e Francisco (2017) mostram que as formas de viver a homossexualidade são influenciadas por fatores históricos, culturais e sociais, incluindo as heranças coloniais. Isso permite questionar a ideia de que a homossexualidade seria algo externo às realidades africanas.

Quando se olha para o contexto moçambicano, percebe-se que essas dinâmicas ganham contornos próprios. As formas de relacionamento e de organização da vida afetiva entre pessoas do mesmo sexo não seguem um único modelo, podendo incluir redes de apoio e arranjos alternativos. Pedro (2021) chama atenção para essa diversidade nas formas de conjugalidade, enquanto Mugabe (2021), ao analisar experiências de pessoas trans em Maputo, evidencia processos de afirmação indenitária marcados por dificuldades de reconhecimento e situações de exclusão. Esses estudos ajudam a compreender melhor a realidade local, ainda que não aprofundem de forma detalhada as tensões internas entre os sujeitos.

De forma geral, os estudos analisados mostram que a homossexualidade deve ser entendida como uma realidade plural, marcada por diferentes experiências e formas de organização. As identidades variam de acordo com o contexto, as trajetórias individuais e as relações sociais, o que permite perceber a sua complexidade.

Apesar disso, ainda existem algumas limitações na literatura. Muitos estudos concentram-se em contextos específicos ou dão mais atenção a certos aspetos, deixando outros menos explorados. Em particular, as tensões internas entre sujeitos homossexuais nem sempre são analisadas de forma aprofundada. É nesse ponto que o presente estudo procura contribuir.

3. Quadro teórico e conceitual

3.1 Quadro teórico

O estudo é fundamentado pela Teoria da Construção Social da Realidade que foi desenvolvida por Berger e Luckmann e propõe que a realidade social é construída nas interacções diárias entre os indivíduos. Através dessas interacções, as pessoas internalizam normas e crenças, moldando sua percepção de si mesmas e do mundo ao seu redor. Essa teoria ajuda a entender como as identidades de género e orientação sexual é formada e transformada.

Originária da década de 1960, a teoria foi apresentada por Berger e Luckmann no livro como uma resposta ao positivismo, que via a realidade social como algo fixo e objectivo. Os autores propuseram que, ao invés de ser algo dado, a realidade social se constrói de forma contínua, por meio das interacções entre os indivíduos e o seu contexto cultural Berger e Luckmann (2004).

A principal ideia por trás da teoria é que as realidades sociais são formadas por meio de práticas quotidianas. As identidades e as percepções do mundo não surgem de uma essência fixa, mas são resultado das interacções sociais e dos significados atribuídos pelas pessoas a essas interacções. A sociedade, então, é entendida como uma construção colectiva, em que as normas e valores são transmitidos e internalizados pelos indivíduos Berger e Luckmann (2004).

Os autores foram influenciados por pensadores como Durkheim, que via a sociedade como algo que impõe normas aos indivíduos. No entanto, os autores adaptaram essa ideia, sugerindo que a realidade social é algo subjectivo e negociado. Sua teoria também está ligada à fenomenologia e ao interaccionismo simbólico, destacando a importância das experiências individuais na construção da realidade social Berger e Luckmann (2004).

A tese central da teoria é que as realidades sociais não são imutáveis, mas sim construídas a partir de interacções humanas. Isso implica que as identidades, como a orientação sexual e a identidade de género. Elas se formam e mudam ao longo do tempo, sendo moldadas por discursos, práticas culturais e pelas interacções sociais que acontecem no contexto em que o indivíduo está inserido Berger e Luckmann (2004).

Embora amplamente aceita, a teoria não escapa a críticas. Alguns apontam que ela subestima o papel das condições materiais e das estruturas de poder na construção da realidade. Outros sugerem que ela não dá atenção suficiente às formas de resistência individual frente às normas sociais. Contudo, ela continua a ser uma ferramenta valiosa para entender a flexibilidade e a transformação das identidades (Berger e Luckmann 2004).

No contexto do presente estudo, a teoria de Berger e Luckmann fornece uma base sólida para analisar como as identidades homossexuais e de género são construídas e negociadas socialmente em Moçambique. Ela permite compreender as dinâmicas sociais que influenciam a construção dessas identidades, destacando como as interacções sociais e culturais contribuem para a forma como indivíduos LGBT percebem a si mesmos e o seu lugar na sociedade.

3.2 Conceitualização

A literatura académica oferece diversas abordagens teóricas, nesta parte passo a apresentar os principais conceitos como identidade, identidades e homossexualidade com base em estudos anteriores.

Identidade

A identidade é um conceito multifacetado que envolve como um indivíduo se percebe e é percebido pelos outros. Para Borges (2016), ela é uma construção social que se desenvolve ao longo da vida, sendo influenciada pelas interações e pela cultura. A identidade é dinâmica e está em constante transformação, reflectindo a capacidade de adaptação a diferentes contextos sociais e pessoais.

Segundo Dantas, et all (2010), a identidade é um processo contínuo de negociação e construção. Eles defendem que as identidades são formadas por factores culturais, históricos e sociais, sendo constantemente moldadas por discursos e práticas sociais. Nesse processo, as relações de poder desempenham um papel importante na forma como o indivíduo constrói sua própria identidade.

Melo e Sobreira (2018), abordam a identidade em um mundo líquido, onde as referências culturais e sociais se tornam mais flexíveis e fluídas. Para ele, as identidades são

continuamente reconfiguradas pela globalização e pelas mudanças sociais. Neste contexto, os indivíduos devem negociar seus significados em um ambiente que não oferece certezas, o que pode gerar desafios na construção de uma identidade estável.

Para a presente pesquisa adopta-se a definição de identidade de Ting- Toomey (1999), como um processo dinâmico e negociado, moldado pelas interações sociais e culturais, e influenciado pelas normas, discursos e relações de poder presentes no contexto moçambicano. A identidade homossexual, portanto, é uma construção que se desenvolve a partir das experiências vividas, das dinâmicas sociais e das estratégias de resistência utilizadas pelos indivíduos.

Identidades

Para Carvalho (2009), identidades são construídas socialmente e culturalmente a partir da interação entre indivíduos e grupos em contextos específicos. Elas não são fixas e refletem processos históricos e culturais, incluindo práticas de resistência e adaptação dentro da sociedade moçambicana.

Hall (2000) As identidades são construções sociais e históricas, formadas através de processos de identificação que estão sempre em movimento, nunca sendo completas ou fixas.

Para a presente pesquisa adapta-se a definição de Miguel (2014) segundo a qual identidades são práticas sociais que emergem de processos históricos e culturais específicos. No contexto africano, a homossexualidade, é uma identidade construída através de normas, tradições e influências históricas, sujeita a transformações conforme o contexto social.

Homossexualidade

Segundo Júnior (2013), A homossexualidade é um conceito que envolve a atração sexual, emocional e afectiva por pessoas do mesmo sexo, sendo uma das várias orientações sexuais existentes.

American Psychological Association (2008) define a homossexualidade de forma básica como a atração sexual e afetiva entre pessoas do mesmo sexo. Essa definição, comum em contextos médicos e psicológicos tradicionais, apresenta a orientação sexual como uma

característica fixa e natural do indivíduo, sem considerar as influências sociais e históricas que moldam sua experiência.

Parker (2002) amplia essa perspectiva ao compreender a homossexualidade como uma orientação sexual que envolve desejo e relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo, mas que é construída e vivida dentro de normas sociais que condicionam sua expressão e reconhecimento. Para o autor, a homossexualidade é uma identidade social que se forma em diálogo e, por vezes, em conflito com padrões heteronormativos.

Deste modo, para esta pesquisa adapta-se a definição de Foucault (1999), que diz que a homossexualidade é compreendida como uma orientação sexual que não apenas envolve atração por pessoas do mesmo sexo, mas também como uma identidade socialmente construída, atravessada por processos históricos, culturais e de resistência, reflectindo as dinâmicas de poder e as normas sociais.

4. Procedimentos metodológicos

4.1. Método

Nesta parte do trabalho apresento os procedimentos metodológicos que adotei na realização do estudo. Em termos metodologicos fiz uma pesquisa etnográfica que consistiu em três fases complementares, a saber, recolha de dados, revisão de literatura e tratamento e análise de dados.

Para a realização do estudo trabalhei com indivíduos maiores de 18 anos, autodeclarados homossexuais e residentes em alguns bairros da cidade de Maputo, tais como: Bagamoyo, Bairro central, Maxaquene, Museu e Benfica.

4.2. Processo de recolha e registro de dados

Na fase de recolha de dados usei as seguintes técnicas, técnica de observação directa, conversas informais e entrevistas semiestruturadas.

Quanto a observação direta, foi realizada em alguns restaurantes da cidade de Maputo localizados nos bairros Central, Zimpeto, Alto Maé e Choupal. Essas observações eram feitas às sextas-feiras, pelas 17h00, durante um período de três meses. O objetivo era de acompanhar o comportamento, a forma de vestir e de estar dos indivíduos, aproximando-me especialmente daqueles que se identificam como homossexuais. A identificação dos gays baseou-se em sinais como o uso de próteses capilares, maquilhagem, vestidos, unhas compridas e pintadas, roupas justas, e a autoidentificação como gays e a identificação de lésbicas e bissexuais baseou-se na autoidentificação.

As observações permitiram que eu percebesse as interações sociais vividas pelos participantes e possibilitaram a identificação de dois grupos: o primeiro que era de homens cuja expressão de género era percebida como feminina, e a aparência imediatamente remetia a uma imagem associada ao feminino, e o segundo que era de homens que usavam roupas masculinas, porém ajustadas ao corpo, e a fala era considerada mais “delicada”.

Adicionalmente notei participantes do sexo feminino, incluindo algumas que se identificavam como lésbicas ou bissexuais, cujas roupas, gestos, jeito de falar e formas de se relacionar com os outros lembravam expressões masculinas.

Nestes ambientes, foi frequente observar olhares, risadas e comentários por parte de outras pessoas presentes, dirigidos a esses corpos que não se encaixavam no padrão tradicional de masculinidade e femilinidade. Esse olhar constante gerava tensão nos espaços, evidenciando a pressão social para que todos se ajustassem a uma definição rígida do que significa ser "masculino".

As conversas informais ocorreram paralelamente às observações e foram essenciais para captar perceções e relatos cotidianos. Muitas vezes, essas interações surgiram de forma espontânea, permitindo que os participantes compartilhassem suas experiências de maneira mais livre. Posteriormente, registei essas conversas em forma de notas etnográficas, o que possibilitou sistematizar os dados e identificar os temas centrais a explorar.

A partir dessas conversas, elaborei um guião que serviu de base para as entrevistas semiestruturadas. Esta técnica qualitativa foi aplicada junto de um grupo de participantes selecionados com base em critérios previamente definidos a saber, indivíduos maiores de 18 anos, que se identificam como homossexuais e residem na cidade de Maputo. As entrevistas foram fundamentais para recolher informações mais detalhadas e aprofundar aspetos que surgiram nas conversas informais.

Inicialmente, as entrevistas decorreram em locais públicos como bibliotecas, bares, jardins e na Associação Lambda que é uma organização moçambicana que defende o reconhecimento dos direitos humanos das pessoas LGBTQIA+. Esses espaços mostraram-se adequados por serem tranquilos e por transmitirem confiança e segurança aos participantes. Os encontros aconteciam geralmente no período da tarde, entre as 14h00 hora e as 18h00, horário que se ajustava tanto a minha disponibilidade quanto a dos entrevistados.

Com o tempo, senti necessidade de interromper temporariamente os encontros presenciais, devido ao esforço físico e ao tempo investido, mas também porque alguns participantes preferiram recorrer a outros meios de comunicação. Essa pausa foi importante, pois permitiu analisar os dados recolhidos e reorganizar os passos seguintes da pesquisa, a escolha dos locais, horários e a decisão de interromper as entrevistas, tiveram como objetivo garantir a qualidade do trabalho e o respeito pela experiência dos participantes.

4.3. Processo de tratamento e análise de dados

Após a recolha dos dados, todos os registros foram organizados cuidadosamente. As conversas foram transcritas manualmente, mantendo a fidelidade da fala dos participantes, incluindo expressões informais e pausas, que ajudam a compreender melhor o sentido das palavras. Cada transcrição foi lida diversas vezes para aproximar-me do conteúdo e identificar elementos relevantes.

O tratamento dos dados consistiu em destacar os trechos mais significativos das falas, selecionando informações que traziam reflexões importantes, experiências marcantes ou perceções relevantes sobre os temas estudados. Esses trechos foram agrupados por semelhança de temas e anotados, o que facilitou a comparação entre os diferentes participantes.

Na análise dos dados, optei por um olhar interpretativo, procurando compreender os sentidos por trás do que foi dito. Em vez de quantificar ou resumir as respostas, busquei entender como os discursos se construíam, como se relacionavam com o contexto social, e o que revelavam sobre as experiências e identidades das pessoas. Os registros foram analisados à luz dos autores discutidos na revisão de literatura, mas também com atenção à singularidade de cada fala.

Após a recolha dos dados, por meio de observação direta e anotações de campo, iniciei o processo de tratamento, que consistiu na organização cuidadosa dos registros realizados. As anotações foram relidas diversas vezes, a fim de identificar padrões, recorrências e elementos simbólicos que ajudassem a compreender as relações entre discurso, corpo e homossexualidade.

As entrevistas realizadas foram transcritas integralmente, respeitando a linguagem dos participantes. Os registos de observação em diário de campo foram organizados de acordo com a ordem cronológica e contextualizados conforme a vivência no local da pesquisa. Para complementar a análise, foram consultados livros e artigos disponíveis na Biblioteca Brazão Mazula e em bibliotecas virtuais.

Perfil dos participantes

A tabela a baixo ilustra de uma forma mais detalhada o perfil de cada um dos participantes contemplando nome, idade, nível académico, ocupação, orientação sexual, religião:

Nome	**Idade**	**Nível académico**		**Ocupação**	**Orientação sexual**	**Religião**
		Médio	Superior			
Ivano	22	X		Call Center	*Gay*	Evangélica
Milton	26	X		Servente	*Gay*	Evangélica
Léo	30		X	Gestor financeiro	*Gay*	Católica
Daniella	24	X		Estudante	Lésbica	Católica
Daniel	22	X		Estudante	*Gay*	Não reza
Helena	23	X		Estudante	Bissexual	Católica
Milena	27		X	Assistente administrativa	Lésbica	Católica
Luana	25	X		Vendedora	Lésbica	Evangélica

Os critérios de inclusão abrangeram indivíduos que se encaixassem nas características mencionadas e que estivessem dispostos a partilhar as suas experiências. Contactei aqueles que eu já sabia previamente que eram homossexuais e os mesmos ajudaram-me a ter acesso a outros indivíduos.

Foram excluídos os indivíduos que não se identificavam como homossexuais ou que não apresentavam as características visíveis de identidade de género relacionadas ao estudo. Além disso, a pesquisa não considerou participantes menores de 18 anos ou aqueles que se mostraram indisponíveis para participar das entrevistas. Registaram-se duas recusas, durante o processo de seleção. Essas exclusões não comprometeram a composição final dos participantes.

4.4. Constrangimento da pesquisa

O principal constrangimento enfrentado na elaboração do estudo foi a falta de confiança por parte de dois entrevistados que demonstraram receio em abordar aspectos da sua vida pessoal. Essa falta de confiança manifestou-se por meio de respostas muito breves, hesitações

frequentes, mudanças de assunto e preocupação explícita quanto à confidencialidade das informações partilhadas.

Para ultrapassar este desafio optei por explicar de forma clara os objetivos da pesquisa, sempre que necessário, assegurei o direito de não responder o que contribuiu para maior abertura e autenticidade nas narrativas recolhidas.

Apesar desta dificuldade, foi possível contornar com o apoio de outros membros da comunidade LGBTQIA+ [1]que já compreendiam o objectivo da pesquisa ajudaram a criar um ambiente de confiança, facilitando a participação dos entrevistados, Esse apoio foi crucial para superar a resistência inicial e garantir a realização da pesquisa. Estes cuidados permitiram estabelecer uma relação de maior proximidade e respeito por parte dos entrevistados, facilitando a recolha de informações mais completas e autênticas.

4.5. Questões éticas da pesquisa

O estudo respeitou rigorosamente as normas éticas desde o início, garantindo que todos os participantes fossem informados sobre os objectivos do estudo e os direitos que possuíam, incluindo a confidencialidade das informações fornecidas. Consentimento informado serviu para assegurar que cada participante compreendesse claramente o propósito da pesquisa, como os dados seriam utilizados, quem teria acesso a essas informações e que poderiam recusar-se a responder a qualquer pergunta sem qualquer prejuízo.

Para garantir essa transparência, expliquei pessoalmente a cada participante todos esses pontos, assegurando que estavam cientes de seus direitos e do uso dos dados, de forma a promover confiança e participação consciente. Obtive o consentimento oral de cada participante antes da recolha dos dados, respeitando a decisão de participação voluntária: embora os participantes tenham sido convidados, a decisão final de participar ou não foi inteiramente deles, sem qualquer tipo de pressão ou imposição.

Durante a integração com os participantes, especialmente nas entrevistas e observações, mantive o respeito pela privacidade e pelas escolhas individuais. Nenhuma pressão foi

[1] LGBTQIA+ é uma sigla usada para designar lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais e assexuais. O sinal de "+" indica a inclusão de outras identidades que não se enquadram nas categorias anteriores (Ilga World, 2022).

exercida para que os indivíduos revelassem mais do que se sentissem confortáveis em partilhar. Sempre ofereci a possibilidade de não responder perguntas que causassem desconforto. Essa abordagem ajudou a garantir um ambiente seguro e de confiança.

O estudo também respeitou as normas da Associação Lambda, instituição envolvida na pesquisa. A colaboração com a associação baseou-se em princípios de transparência, respeito mútuo, confidencialidade e voluntariedade. A transparência consistiu em informar a associação sobre os objetivos, métodos e uso dos dados do estudo, garantindo que eles compreendessem como os participantes seriam tratados e como as informações seriam utilizadas. Estes princípios estão alinhados com as recomendações internacionais de ética em pesquisa com comunidades LGBTQIA+.

5. Processo de construção das identidades afirmadas

Nesta parte do trabalho analiso como ocorre o processo de construção das identidades afirmadas entre indivíduos homossexuais.

5.1 O discurso de ser homossexual

Nesta parte do trabalho analiso o contexto que propicia o discurso sobre ser homossexual.

Midía e representações

A análise das entrevistas indica que a mídia exerce um papel importante na formação das percepções sobre a homossexualidade. Os participantes relataram experiências em que a televisão, redes sociais e outros meios de comunicação influenciaram tanto no conhecimento quanto na construção de suas identidades. Um dos relatos evidencia a importância da mídia na aprendizagem de conceitos sobre homossexualidade e sobre ser homossexual,

> O conceito lésbica eu aprendi na televisão quando passava uma reportagem de duas mulheres que contraíram o matrimônio e que disseram que tiveram que ir se casar em um país que aceitasse o casamento homoafetivo, pois nem todos os países aceitam. (Conversa com Luana, 25 anos de idade, lésbica, vendedora, bairro central, 03 de Março de 2023).

Esse exemplo permite perceber que a televisão funciona como fonte de conhecimento sobre identidades sexuais, especialmente em contextos onde a discussão sobre sexualidade não ocorre de forma aberta na sociedade. A mídia, neste caso, serviu como referência inicial para o entendimento do que significa ser lésbica. Outro participante relatou uma experiência sobe a influencia da Mídia na construção da sua identidade homossexual,

> Quando assisti àquela novela em que um personagem gay se assumia para a família, senti um alívio que nunca tinha sentido antes. Pela primeira vez, percebi que não estava sozinho e que havia uma palavra para o que eu sentia (Entrevista semiestruturada com Milton, 26 anos de idade, gay, servente, Zimpeto, 16 de Abril de 2023).

A partir desse relato, é possível perceber que a mídia além de informar, legitima experiências pessoais. A presença de personagens homossexuais em produções culturais contribui para o reconhecimento social e pessoal da identidade sexual dos indivíduos, oferecendo modelos e referências. O impacto da representação mediática também pode ser negativo, quando reforça estereótipos ou provoca desconforto como contou Ivano,

> Confesso que muitas vezes me senti desconfortável com piadas que vi na televisão, onde gays eram sempre retratados de forma exagerada. Aquilo me fazia sentir vergonha e medo de ser julgado pelas pessoas ao meu redor (conversa com Ivano, 22 anos de idade, gay, *Call Center*, choupal, 17 de Março de 2023).

Esse exemplo mostra que a forma como a mídia representa a homossexualidade influencia não apenas a percepção social, mas também a autoestima e o comportamento dos indivíduos. Representações estereotipadas podem reforçar preconceitos e limitar a expressão autêntica da identidade. Para além da televisão, a presença de discursos sobre homossexualidade em ambientes cotidianos e nas redes sociais também influencia a forma como as pessoas identificam-se,

> Em uma conversa no transporte público, dois rapazes discutiam sobre filmes, um deles dizia que parece que em todos filmes agora tem um personagem gay. A fala mostra como a representação mediática tem entrado no cotidiano e moldando percepções sobre o que é ser homossexual (Diário de campo, 03 de Abril de 2023)

> Enquanto eu estava a ler comentários em uma publicação do “Facebook”, notei que alguns jovens se identificavam com personagens homossexuais de novelas, diziam que finalmente se sentiam representados. Isso mostra como as redes sociais funcionam como prolongamento daquilo que a televisão já propaga (Diário de campo, 07 de fevereiro de 2023).

Esses exemplos evidenciam que a mídia opera de forma integrada no cotidiano, tanto presencial quanto virtual, influenciando a construção de sentido em torno da homossexualidade. A exposição a diversas representações permite que indivíduos reconheçam e validem suas próprias experiências, ao mesmo tempo em que socialmente compartilham essas construções de identidade.

As análises empíricas dialogam diretamente com autores que estudam o papel da mídia na construção de identidades sexuais. Parker e Aggleton (2007) argumentam que a mídia funciona como um dos principais veículos de produção e circulação de representações sobre a sexualidade, moldando a percepção social e o reconhecimento de identidades.

Bento (2006) observa que filmes, revistas e redes sociais reproduzem padrões estéticos e comportamentais que influenciam tanto a percepção social quanto a autoimagem das pessoas LGBTQIA+. Stuart Hall (1997) demonstra que a mídia participa da construção de categorias de identidade ao selecionar quais comportamentos, corpos e discursos são visíveis, valorizados ou marginalizados.

A partir da análise dos dados desta pesquisa, é possível concluir que a homossexualidade é uma imagem construída através dos meios de comunicação. A mídia contribui na produção de sentidos, na construção de identidades e na legitimação de experiências, seja de forma positiva, oferecendo referência e reconhecimento, ou negativa, quando reforça estereótipos ou preconceitos.

5.2 A constituição do ser homossexual

Nesta parte do trabalho exploro o processo para a formação da identidade homosexual, analisando como a autopercepção e o reconhecimento pessoal contribuem para a construção do sentido de si enquanto indivíduo homossexual.

Autopercepção e reconhecimento pessoal

Os participantes narraram o processo de autopercepção e reconhecimento pessoal da homossexualidade. As falas recolhidas mostram que este percurso é marcado por experiências individuais, mas também por referências culturais, interações sociais e representações mediáticas.

Um primeiro aspecto observado é que muitos participantes relataram perceber sinais de sua orientação sexual ainda na infância ou adolescência, geralmente associados a sentimentos de diferença em relação ao comportamento esperado:

> Eu me lembro de sentir ciúmes quando via minhas amigas a relacionarem-se com meninos, e isso me deixava confusa. Foi assim que comecei a perceber que meus desejos não eram heterossexuais (Conversa com Luana, 25 anos de idade, lésbica, Vendedora, bairro central, 01 de Maio de 2023).

O relato de Luana mostra que a identidade começa a ser percebida a partir de sentimentos que fogem do padrão socialmente aceite. O ciúme, que geralmente é associado a relações heterossexuais, foi reinterpretado por ela como um sinal de desejos diferentes, e permitiu um primeiro movimento de autopercepção. De forma semelhante, outro participante contou o seguinte,

> Sempre gostei de brincar de forma mais ‘feminina’ quando criança, mas ninguém me explicava por que eu sentia isso. Mais tarde, entendi que esses sentimentos estavam ligados à minha orientação sexual (Entrevista semiestruturada com Léo, 30 anos de idade, gay, Malhangalene, gestor financeiro 15 de Junho de 2023).

Esse depoimento indica que a identidade homossexual muitas vezes se anuncia de forma dispersa e sem nomeação clara na infância. A compreensão vem mais tarde, quando há

referências culturais e sociais que permitem dar sentido a aquilo que já foi vivido. Outra dimensão importante é a relação com o corpo e com a expressão de gênero,

> Eu me imaginava a usar vestidos e saia até que um dia decidi experimentar um vestido de uma prima minha e gostei de ver-me daquela maneira. Senti-me bem. À medida que fui crescendo, com a televisão também comecei a ver que eu não era o único que não se sentia bem com o corpo que tem. Quando comecei a viver sozinho, comecei a comprar alguns vestidos (Conversa com Milton, 26 anos de idade, gay, Servente, zimpeto 16 de abril de 2023).

O caso de Milton mostra como o reconhecimento da identidade pode se manifestar através de experiências corporais e estéticas. O uso de roupas associadas ao sexo feminino proporcionou-lhe bem-estar e reforçou um sentimento de pertencimento, especialmente quando percebeu, pela televisão, que não estava sozinho em sua vivência. Além das vivências pessoais, as redes sociais também surgem como espaços que propiciam reconhecimento:

> Nas redes sociais, acompanhei jovens que usavam frases e imagens de artistas para falar de si. Em um dos comentários, um jovem escreveu que finalmente tinha encontrado palavras para explicar o que sentia. Essa observação mostrou como a identidade também se constrói na troca com os outros (Diário de campo, 15 de Março de 2023).

Esse dado mostra como a circulação de discursos em ambientes digitais ajuda a fornecer referências e vocabulário para que os sujeitos possam afirmar sua identidade. Outro exemplo semelhante aparece no relato de um estudante universitário:

> Ele percebeu que era gay depois de assistir a várias séries onde apareciam personagens homossexuais, ele disse que no início achava que aquilo não tinha nada a ver com ele, mas com o tempo começou a identificar-se com situações e sentimentos. Um colega da universidade comentou que ele só estava a reconhecer e aceitar sentimentos que carregava (Diário de campo, 16 de Março de 2023).

Esse caso reforça a ideia de que a autopercepção não é um processo linear, mas envolve resistências, questionamentos e um reconhecimento progressivo.

As falas e observações recolhidas dialogam com o que Heilborn (1996) argumenta que a identidade homossexual é uma construção social situada em contextos específicos de afirmação e reconhecimento. De modo semelhante, Bagnol (1996) destaca que se trata de um fenômeno dinâmico, marcado por negociações constantes de significados.

Dessa forma, os dados analisados permitem compreender que a autopercepção e o reconhecimento pessoal da homossexualidade. Trata-se de um processo de construção que se alimenta de múltiplas dimensões, nomeadamente sentimentos individuais, práticas corporais, interação social e representações mediáticas. Assim como Heilborn e Bagnol destacam, a identidade é afirmada e reconstruída continuamente nas trocas entre o sujeito e o meio em que está inserido.

5.3 Como os heterossexuais identificam os homossexuais

Nesta parte do trabalho exploro modos de identificação heterossexual e homossexual observando como sinais percebidos na aparência, comportamento e nos espaços frequentados influenciam nessas percepções.

“Sinais e comportamentos homosexuais” a partir da aparência

Nesta seção analiso como os participantes relataram os sinais percebidos na aparência e no comportamento que, segundo eles, foram usados para identificá-los como homossexuais.

> Algumas pessoas sempre me olhavam diferente por causa da minha forma de falar e de me vestir. Elas faziam piadas ou comentários, como se aquele meu jeito já mostrasse que eu era gay (Entrevista semiestruturada com Daniel, 22 anos de iade, gay, estudante, Malhangalene, O3 de Maio 2023).

O depoimento de Daniel mostra como traços da fala e da vestimenta podem se tornar marcadores sociais, funcionando como sinais usados por outros para definir a identidade sexual. A homossexualidade é lida a partir da aparência, ainda que sem confirmação direta.

> Gosto de me vestir de forma mais colorida e usar acessórios diferentes. Muitas pessoas já me olharam de forma estranha e comentaram que isso não era ‘coisa de homem’ (Conversa com Milton, 26 anos, gay, servente, Zimpeto 27 de fevereiro de 2023).

No relato de Milton, percebe-se como a forma de se vestir rompe com expectativas de gênero. O uso de cores e acessórios, considerados inadequados ao masculino, faz com que ele seja alvo de olhares e comentários, revelando como normas culturais definem fronteiras entre o “masculino” e o “feminino”.

> Até minha postura ao sentar ou caminhar já foi alvo de comentários. Diziam que meu jeito não era ‘masculino’ o suficiente, e isso sempre me deixava desconfortável (Conversa com Léo, 30 anos de idade, gay, gestor financeiro, Alto Maé, 15 de Junho de 2023).

Aqui vemos que não são apenas roupas ou fala, mas até mesmo gestos do cotidiano são utilizados como pistas para definir a sexualidade de alguém. O desconforto de Léo reforça que a vigilância social é constante e penetra até nos detalhes do corpo**.**

> Uma vez estava em um transporte público e ouvi duas senhoras que comentavam sobre uma jovem conhecida delas. Uma disse: ela não arranja namorado porque se veste como homem. (Diário de campo, 11 de abril de 2023).

Este episódio evidencia que o julgamento também ocorre de forma indireta, por meio de comentários cotidianos. O vestuário aparece como justificação para explicar à ausência de relacionamentos heterossexuais, associando aparência a orientação sexual.

> Em uma conversa de família, ouvi um tio comentar sobre um vizinho: esse rapaz não casa porque é diferente, olha só como anda sempre no meio das mulheres (Diário de campo, 03 de Maio 2023).

Nesse caso, o pertencimento a determinados espaços sociais é interpretado como sinal de homossexualidade. Não se trata de uma declaração do próprio sujeito, mas de uma leitura construída por outros a partir de observações externas.

Impactos dessa identificação

No cotidiano, a homossexualidade manifesta-se nas experiências vividas pelos indivíduos, especialmente nas formas como são percebidos e identificados socialmente. As interpretações feitas pelos outros produzem efeitos concretos nas trajetórias pessoais, influenciando relações, sentimentos de pertença e modos de circulação nos diferentes espaços sociais. Assim, a análise dessas vivências permite compreender como esses processos se constroem e se expressam na vida diária.

> Quando as pessoas começaram a me associar à homossexualidade, percebi que alguns amigos se afastaram, enquanto outros se aproximaram mais, mostrando apoio. Essa mudança no meu círculo social foi muito marcante (Entrevista semiestruturada com Daniella, 24 anos de idade, Lésbica estudante, Alto-Maé, 28 de abril de 2023).

A fala de Daniela revela como a identificação externa provoca reações distintas, a saber, afastamento de alguns e solidariedade de outros. O afastamento pode gerar um sentido de exclusão como contou Ivano,

> A identificação que faziam de mim me gerou apelidos e brincadeiras que, no fundo, eram ofensivas. Isso abalou muito minha autoestima (Entrevista semiestruturada com Ivano, 22 anos de idade, gay, *Call Center*, Choupal, 15 de Março de 2023).

O depoimento do Ivano mostra que a identificação pode ser violenta, ao gerar estigmas e apelidos que desvalorizam o sujeito. A associação automática entre comportamento e homossexualidade também interfere na sua autoimagem.

> Houve momentos em que ser percebido como gay me ajudou a encontrar pessoas que estavam na mesma situação, o que fortaleceu minha rede de apoio (Conversa com Léo, 30 anos de idade, gay, gestor financeiro, Alto-maé, 15 de Junho de 2023).

Esse relato aponta para a outra face do processo que é a identificação também pode abrir caminhos para reconhecimento e solidariedade. Ao encontrar pessoas em situações semelhantes, Léo construiu vínculos que reforçaram sua autoestima.

> Uma amiga contou que muitas vezes se sente observada quando está de mãos dadas com a parceira em locais públicos. Ela disse que os olhares e comentários fazem com que, em alguns momentos, tenha vontade de evitar certos espaços. (Diário de campo, 15 de fevereiro de 2023).

A experiência mostra como a vigilância social se estende aos gestos de afeto. Os olhares e comentários limitam a liberdade de expressão da identidade, restringindo os espaços de convivência.

> Em uma conversa no meu bairro, ouvi um rapaz dizer que parou de frequentar um determinado bar porque já o tinham chamado de gay várias vezes apenas pela sua forma de se vestir (Diário de campo, 16 de janeiro de 2023).

Nesse caso, a identificação homossexual atribuída por outros teve impacto direto na vida cotidiana, levando o jovem a evitar certos lugares.

Os relatos mostram que a aparência, a forma de falar, a postura corporal, os espaços frequentados e as demonstrações de afeto são usados como marcadores sociais para identificar a sexualidade de alguém. Essa percepção externa nem sempre corresponde à

realidade do sujeito, mas produz efeitos concretos em sua vida, seja pelo preconceito, pela exclusão ou, em alguns casos, pelo fortalecimento de redes de apoio.

Esses resultados dialogam com Amâncio (1994) que mostra como as diferenças entre homens e mulheres são socialmente construídas e usadas como parâmetro para interpretar comportamentos. Da mesma forma, Bozon (2004) observa que a sexualidade é moldada por normas culturais, e que os estereótipos sobre homossexuais refletem em representações coletivas. Vance (1995) complementa ao destacar que aquilo que é visto como "desvio" ou "não natural" resulta de processos ideológicos que definem condutas aceitáveis, reproduzindo estigmas.

A partir dos relatos apresentados, compreende-se que a identificação da homossexualidade, quando atribuída socialmente, produz efeitos reais e ambivalentes na vida dos indivíduos. Por um lado, pode gerar exclusão, estigmatização e limitação dos espaços de convivência; por outro, pode favorecer a criação de redes de apoio e sentimentos de pertença.

Observa-se ainda que essa identificação é construída com base em marcadores sociais como aparência, comportamento e formas de expressão, que funcionam como referências para interpretar a sexualidade. Esses processos estão enraizados em normas culturais e sociais que definem o que é considerado aceitável, influenciando diretamente a forma como os indivíduos são percebidos e tratados.

Assim, compreende-se que a experiência da homossexualidade no cotidiano resulta da interação entre percepções sociais, normas culturais e práticas individuais, sendo marcada tanto por mecanismos de regulação quanto por possibilidades de reconhecimento e resistência.

5.4 Como os homomossexuais identificam-se entre eles

Nesta parte do trabalho exploro como as pessoas homossexuais se identificam entre si.

Reconhecimento de experiências compartilhadas

As pessoas homossexuais reconhecem-se mutuamente, estabelecendo vínculos que reforçam o sentimento de pertencimento e a construção de uma identidade coletiva. Os relatos indicam

que esse processo ocorre principalmente por meio da partilha de experiências de vida semelhantes e da troca de informações sobre desafios cotidianos.

> "Quando conversei com outra pessoa que também enfrentava rejeição familiar, senti imediatamente que tínhamos algo em comum" (Entrevista semiestruturada com Ivano, 22 anos de idade, gay, *Call Center*, Choupal, 15 de Março de 2023).

Esse exemplo mostra que o reconhecimento entre homossexuais muitas vezes surge da identificação com experiências de rejeição e dificuldades semelhantes. Ao perceber que outro indivíduo vivencia situações parecidas, cria-se imediatamente um vínculo baseado na empatia e na compreensão mútua**.**

> A conversar *online* com pessoas da mesma orientação, percebi que os desafios do dia-a-dia, como lidar com familiares ou colegas preconceituosos, eram muito parecidos com os meus (Entrevista semiestruturada com Milena, 27 anos de idade, Lésbica, assistente administrativa, bairro central, 20 de Abril de 2023).

Aqui, observa-se que as redes digitais funcionam como espaços de reconhecimento, permitindo que indivíduos percebam semelhanças em vivências e dificuldades, mesmo quando não compartilham o mesmo contexto físico. Esse tipo de interação reforça a sensação de que não estão sozinhos em suas experiências.

> Quando contei para outra pessoa sobre a dificuldade de me assumir para minha família, ela me disse que também passou por isso. Na hora senti que estávamos na mesma situação e que ela entendia exatamente o que eu sentia (Conversa com Helena, 23 anos de idade, Bissexual, estudante, Zimpeto 18 de Fevereiro de 2023).

O relato evidencia que a identificação também depende das experiências específicas e concretas. Quando alguém reconhece sentimentos similares nos outros, há uma validação mútua da própria vivência, fortalecendo a autoestima e a compreensão da própria identidade. Além das experiências pessoais, eventos sociais surgem como oportunidades de reconhecimento.

> Ouvi de uma amiga que participar de festas e eventos culturais voltados para pessoas LGBTQIA+ que essa era uma forma de se reconhecer e que criavam um senso de pertencimento (Diário de campo, 16 de Janeiro de 2023).

Essa fala mostra que a identificação também ocorre em ambientes coletivos, nos quais símbolos culturais, referências estéticas e práticas comuns permitem aos indivíduos se sentirem parte de uma comunidade, reforçando a identidade coletiva,

> Em um bar da cidade de Maputo observei que discussões sobre experiências pessoais, dicas de lugares seguros e referências culturais eram repetidamente compartilhadas, desta forma notei que essas práticas ajudam a construir uma identidade coletiva reconhecida dentro da comunidade LGBTQIA+ (Diário de campo, 03 de Maio 2023).

Essa prática de compartilhar experiências, conselhos e referências culturais evidencia que a identidade homossexual se fortalece por meio de interações sociais contínuas e da criação de espaços de confiança e solidariedade.

A partilha de experiências e a construção de redes de apoio ajudam os homossexuais a se reconhecerem e a se sentirem parte de um grupo. Trocas de vivências, conselhos, lugares seguros e referências culturais fortalecem a identidade coletiva e criam laços de solidariedade, especialmente em contextos onde essas identidades são marginalizadas.

Dessa forma, a identificação entre pessoas homossexuais surge das experiências comuns e do apoio mútuo, reforçando autoestima e senso de pertencimento.

5.5 Regras e performance de ser homossexual

Nesta parte do trabalho analiso as normas e práticas discursivas relativamente ao ser homossexual observando como as expectativas sociais e culturais influenciam a percepção sobre o que seria “ser gay” ou “ser lésbica”.

Normas sociais

Os relatos dos participantes mostram que, embora a sociedade associe ser homossexual a certos padrões, as experiências são várias e individuais, e rompem com a ideia que existe um padrão fixo de identidade.

> As pessoas acham que por eu ser gay tenho que gostar de me vestir de forma extravagante ou ser muito vaidoso. Mas eu sou simples, gosto de roupa básica e passo despercebido. Isso não muda o fato de eu ser homossexual (Conversa com Ivano, 22 anos de idade, gay, *Call Center*, choupal, 17 de Março de 2023).

Esse exemplo mostra como as normas sociais frequentemente associam a homossexualidade masculina a um estilo "extravagante" ou excessivamente vaidoso. No entanto, Ivano questiona essa expectativa e afirma sua identidade de forma distinta, revelando que a orientação sexual não está ligada a uma única forma de se expressar.

> Eu e minha parceira somos diferentes. Ela gosta de usar vestidos e maquiagem, já eu adoro usar calças jeans e roupas largas. Muita gente pensa que tem que existir um papel masculino e um feminino, mas não é assim. Nós duas somos mulheres e somos homossexuais, cada uma à sua maneira (Entrevista semiestruturada com Milena, 27 anos de idade Lésbica, assistente administrativa, bairro Central, 20 de Abril de 2023).

Aqui, percebe-se que, além de estereótipos sobre aparência, existe a expectativa de que casais homossexuais reproduzam modelos heteronormativos, assumindo papéis de "masculino" e "feminino". O relato de Milena rompe com essa ideia e afirma a pluralidade de expressões dentro das relações homossexuais.

> Eu sou gay, mas adoro jogar futebol com os meus amigos, e muita gente fica surpreso porque esperam que eu seja de outro jeito. Ser homossexual não significa seguir um padrão de gostos ou atitudes (Conversa com Léo, 30 anos de idade, gay, gestor financeiro, Alto-Maé, 15 de Junho de 2023).

O fato de Léo gostar de futebol desestabiliza o padrão de que a homossexualidade estaria ligada apenas a determinados comportamentos ou interesses.

> Durante uma saída com amigos, percebi que dois rapazes homossexuais se expressavam de formas muito diferentes: um deles falava com gestos mais expansivos e gostava de dançar no meio do grupo, enquanto o outro era mais reservado e quase não falava. Essa diferença fez-me pensar que não existe um único modo de 'ser

> homossexual', pois cada um vive e performa a sua identidade de maneira própria (Diário de campo, 27 de Março 2023).

Essa cena evidencia que a homossexualidade não possui uma forma única de expressão, sendo vivida de maneiras variadas.

> Em uma conversa na faculdade, ouvi um jovem homossexual dizer que muitas vezes lhe cobram certo tipo de postura mais 'feminina', mas que ele não se reconhece nesse padrão. Para ele, ser homossexual não significa adotar posturas específicas, mas simplesmente viver a sua orientação afetiva e sexual (Diário de campo, 20 de fevereiro de 2023).

Esse relato ilustra como as normas sociais tentam enquadrar os sujeitos em modelos prontos, mas a vivência homossexual se dá justamente pela recusa desses enquadramentos e pela afirmação de experiências singulares.

Apesar de as identidades homossexuais se manifestarem de formas variadas, elas continuam atravessadas por normas sociais que definem um sentido de "normalidade". Ser rotulado como homossexual implica expectativas sobre aparência, comportamentos e gostos, mas os relatos demonstram que essas expectativas são constantemente recusadas e reinterpretadas pelos próprios indivíduos.

Histórias de diferentes culturas, como as relações entre guerreiros e jovens entre os Azande Evans-Pritchard, (2012 [1970]) ou as formas de homoerotismo no Zimbábue Epprecht, (1998), mostram que as experiências homossexuais sempre existiram, mas sempre se organizaram segundo sistemas culturais próprios. Esses exemplos reforçam que, embora haja pressões sociais para conformidade, a vivência da homossexualidade é plural, negociada e continuamente construída na prática cotidiana.

5.6 Identidades disputadas contestadas e ajustadas

Nesta parte do trabalho analiso processos de disputas e de contestação e ajustes de identidades observando como os indivíduos lidam com expectativas sociais e pressões de diferentes contextos.

Expectativas e adaptações identitárias

Os relatos indicam que a identidade homossexual é constantemente ajustada diante de pressões sociais, familiares e profissionais. A cada contexto, os indivíduos precisam negociar como se expressar, oscilando entre silenciar, adaptar-se ou afirmar-se de forma mais explícita.

> Às vezes eu sinto que tenho que ser diferente dependendo do lugar. No trabalho não posso falar de quem eu gosto, já com meus amigos eu me sinto livre para dizer, acabo por mudar um pouco de mim para caber em cada espaço (Conversa com Milton, 26 anos de idade, gay, servente, Zimpeto 27 de Fevereiro de 2023).

Esse relato evidencia como os ambientes sociais impõem limites diferentes. No espaço profissional, Milton sente a necessidade de ocultar parte de si, enquanto entre amigos consegue se mostrar de forma mais autêntica. A identidade, nesse caso, é uma performance que se ajusta ao contexto

> Na minha família eu evito falar da minha namorada porque sei que vai gerar discussão, mas quando estou com as minhas amigas me expresso sem medo, infelizmente tive que aprender a se ajustar conforme o ambiente (Entrevista semiestruturada com Luana, 25 anos de idade, lésbica, vendedora, bairro Central, 03 de Março de 2023).

O exemplo mostra como as pressões familiares influenciam diretamente a forma de expressão da sexualidade. Diante do risco de conflito, Luana opta pelo silêncio, mas encontra liberdade em círculos mais acolhedores. Essa oscilação revela como as identidades são constantemente negociadas.

> As pessoas querem colocar os gays em uma caixinha ou você é gay e tem que agir de determinada forma, ou você não é. Eu não concordo. A minha forma de viver a sexualidade é só minha, e às vezes até entre amigos há discussões sobre isso (Conversa com Léo, 30 anos de idade, gay, Alto-Maé, gestor financeiro 15 de Junho de 2023).

O testemunho de Léo reforça a dimensão de contestação. Ele não apenas se adapta, mas também resiste aos padrões impostos, recusando-se a aceitar normas externas que tentam definir sua forma de ser.

> Enquanto caminhava por uma festa, ouvi um jovem falar que algumas pessoas esperam que ele se comporte de forma exagerada para ser reconhecido como homossexual. Ele dizia que recusa esse papel e prefere viver sua sexualidade de forma natural (Diário de campo, 17 de junho de 2023).

As observações de campo também apontam para esse movimento de ajuste.

> Em um restaurante que costumo frequentar, percebi que uma jovem lésbica mudava seu jeito de falar e de se vestir dependendo das pessoas ao redor. Com amigas, usava maquiagem e roupas chamativas, mas na presença de familiares mais conservadores, optava por tons neutros e falava de forma mais contida natural (Diário de campo, 10 de Abril de 2023).

Esses exemplos evidenciam a fluidez das identidades, que se transformam conforme o olhar dos outros e as regras de cada espaço social.

A identidade homossexual se ajusta às expectativas sociais, familiares e profissionais, mostrando-se fluida e relacional. Nos diferentes contextos, cada pessoa negocia como se expressar, alternando entre silêncio, adaptação ou afirmação da sua sexualidade. As interações diárias, os espaços frequentados e os olhares alheios moldam essas escolhas, evidenciando a negociação constante da própria identidade.

Práticas homoeróticas e formas de expressão de gênero variam conforme relações interpessoais e normas culturais locais, tanto na África quanto em contextos urbanos. No dia-a-dia, cada indivíduo constrói sua identidade em disputas e ajustes frente a estereótipos, criando maneiras próprias de afirmar sua singularidade mesmo diante de pressões externas.

A partir da análise realizada neste estudo pode-se concluir que a homossexualidade é uma construção social, moldada pelos meios de comunicação e pelas normas culturais que orientam os modos de pensar, agir e sentir dentro da sociedade. Esses elementos contribuem para a produção de sentidos e para a formação de identidades que como a identidade

homossexual, são constantemente reafirmadas no cotidiano, diante de pressões sociais e da busca por reconhecimento e afirmação pessoal, calibrados ao sentido de normalidade imposto mesmo entre os que se consideram homossexuais.

A identidade é performativa e permanentemente negociada, perspectiva com a qual este trabalho se identifica (Butler, 2003; Bento, 2006). A homossexualidade, enquanto construção compartilhada que possibilita a criação de redes de apoio e espaços de reconhecimento, também está sujeita a um sentido de normalidade que força os indivíduos a nela caberem. A questão revela-se mais complexa do que a proposta de Tamale (2006), que pensa a homossexualidade como um espaço de resistência ante as normas da heterossexualidade: mesmo entre homossexuais existem normas às quais devem sujeitar-se, sob o risco de serem ostracizados.

Os resultados da pesquisa permitem compreender que a homossexualidade é afirmada enquanto uma identidade sujeita a um sentido de normalidade por parte dos pares homossexuais e contestada por outros deixando os indivíduos que se identificam como homossexuais na tensão que dai resultam. Diante desse cenário resta-lhes adequarem a sua identidade ao contexto onde se encontrem, o que os coloca em uma situação onde as suas identidades são maleáveis e adequam-se as pressões exercidas em cada contexto reflectindo a ideia de Foucault (1999) segundo a qual podemos pensar as identidades como produtos de práticas e discursos em constante transformação.

A partir deste estudo exploratório podemos pensar que a identidade homossexual se constrói constantemente em tensão com as normas sociais sobre o que é considerado aceitável. Dependendo do contexto, os indivíduos reivindicam sua identidade homossexual quando possível e ao ritmo de um sentido de normalidade ao qual se ajustam ao ritmo das identidades demandadas no contexto, num exercício contínuo de negociação e adaptação.

6.Conclusão

A partir da análise realizada neste estudo, concluo que a homossexualidade se constitui como uma construção social, moldada pelos meios de comunicação e pelas normas culturais que orientam os modos de pensar, agir e sentir na sociedade. Neste estudo, compreendo que estes elementos contribuem para a produção de sentidos e para a formação de identidades que, como a identidade homossexual, são constantemente reafirmadas no quotidiano, sob influência de pressões sociais e da busca por reconhecimento e aceitação, inclusive entre indivíduos que se identificam como homossexuais.

No que diz respeito ao tratamento do tema na literatura, observo que os estudos analisam a homossexualidade como uma construção social e histórica, como uma experiência vivida e negociada nas interações sociais e como um fenómeno situado em contextos específicos, incluindo o contexto moçambicano. Neste estudo, verifico que estas abordagens contribuem para a compreensão da identidade homossexual, ao mesmo tempo que apresentam limitações na análise das dinâmicas internas entre os sujeitos e das estratégias concretas de negociação no quotidiano.

A partir de uma pesquisa etnográfica na cidade de Maputo que a homossexualidade é simultaneamente afirmada e contestada em diferentes contextos, gerando tensões que afetam os sujeitos. Neste cenário, observo que os indivíduos ajustam a sua identidade conforme o contexto social em que se inserem, revelando o carácter maleável e situacional das identidades. Em síntese, neste estudo concluo que a identidade homossexual resulta de um processo permanente de negociação e adaptação, no qual os sujeitos reivindicam ou ajustam a sua identidade de acordo com as exigências do contexto social, contribuindo para aprofundar a compreensão das dinâmicas que caracterizam estas experiências no quotidiano.

Esta compreensão dialoga com as reflexões de Butler (2003) e Bento (2006), ao considerar a identidade como um processo performativo e continuamente negociado. Do mesmo modo, aproxima-se da perspetiva de Foucault (1999), segundo a qual as identidades são produzidas através de discursos e práticas em constante transformação. Assim, compreendo que a identidade homossexual se constrói continuamente em tensão com normas sociais que definem o que é considerado aceitável.

Referências bibliográficas

Amâncio, Lígia. 1994. Das diferenças entre os sexos à diferenciação social entre homens e mulheres. In: Masculino e feminino: a construção social da diferença. Porto: Edições Afrontamento, p. 17-28.

American psychological association. 2008. Guidelines for psychological practice with lesbian, gay, and bisexual clients. American psychologist, v. 63, n. 7, p. 791–800.

Bagnol, Brigitte. 1996. Diagnóstico da orientação sexual em Maputo e Nampula. Maputo: Embaixada do Reino dos Países Baixos.

Bagnol, Brigitte; Mariano, Esmeralda. 2011. Género, sexualidade e práticas vaginais. Maputo: DAA-FLCS-UEM, p. 43-53.

Bento, Berenice. 2006. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond.

Berger, Peter; Luckmann, Thomas. 1966. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes.

Borges, Pedro. 2016. Juventude e diversidade sexual: diálogos sobre homofobia nas escolas. São Paulo: Cortez.

Bozon, Michel. 2004. Sociologia da sexualidade. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Brito, Luciana. 2013. Afetividade e homossexualidade: narrativas contemporâneas. Salvador: EDUFBA.

Butler, Judith. 2003. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Carvalho, Maria Eulina Pessoa de. 2009. Género, sexualidade e educação: das relações sociais às políticas públicas. In: Louro, Guacira Lopes (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica.

Dantas, Bernardo. 2010. Sexualidade e identidade: discursos e representações. Recife: UFPE.

Epprecht, Marc. 1998. The unsaying of indigenous homosexualities in Zimbabwe: mapping a blindspot in African masculinities. Journal of Southern African Studies, v. 24, n. 4, p. 631-652.

Evans-Pritchard, Edward. 1970/2012. Inversão sexual entre os Azande. Bagoas, v. 7, p. 15-30.

Foucault, Michel. 1999. A história da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal.

Francisco, Miguel. 2014. Sexualidade, identidade e política em Moçambique. Maputo: Escolar Editora.

Fry, Peter; MacRae, Edward. 1985. O que é homossexualidade. Colecção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense.

Hall, Stuart. 1997. Representation: cultural representations and signifying practices. London: Sage.

Hall, Stuart. 2000. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A.

Heilborn, Maria Luiza. 1996. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção da identidade social. In: Sexualidades brasileiras. Rio de Janeiro: Relume Dumará, p. 136–145.

Heilborn, Maria Luiza. 1999. Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

Ilga World. 2022. Glossary of terms related to sexual orientation, gender identity and expression, and sex characteristics. Geneva: ILGA World. Disponível em: https://ilga.org/definitions Acessado em: 04 mar. 2026

Júnior, João. 2013. Diversidade sexual e políticas públicas no Brasil. São Paulo: Annablume.

Loyola, Maria Andréa. 1999. A sexualidade como objecto de estudo das ciências humanas. In: Heilborn, Maria Luiza (Org.). Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 31‑59.

Malinowski, Bronislaw. 1973. Sexo e repressão na sociedade selvagem. Petrópolis: Vozes, Prefácio; Parte IV, "Instinto e cultura", p. 163-174.

Manhice, Estêvão Artur. 2012. Homossexualidade na cidade de Maputo: mecanismos de afirmação e legitimação social dos "gays". Trabalho acadêmico (monografia) — Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

Melo, José; Sobreira, Márcia. 2018. Corpo, gênero e sexualidade: perspectivas contemporâneas. Belo Horizonte: Autêntica.

Meque, Emílio Adélia. 2010. Quando sexo e identidades se des‑encontram: acessibilidade a serviços de saúde sexual e reprodutiva e homosexualidades em Moçambique. Trabalho acadêmico (monografia)— Departamento de Arqueologia e Antropologia, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

Moreira, Antónia. 2022. Identidades e resistências: estudos de gênero e sexualidade em África. Maputo: Kapicua.

Mugabe, Nélson André. 2021. Mapeando as autoidentificações: a construção das identidades e as subjetividades das "manas trans" da cidade de Maputo. Anuário Antropológico, v. 46, n. 2, p. 171‑197.

Parker, Richard. 2002. Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Rio de Janeiro: Record.

Parker, Richard; Aggleton, Peter. 2007. HIV and AIDS-related stigma and discrimination: a conceptual framework and implications for action. Social Science & Medicine, v. 57, n. 1, p. 13-24.

Parker, Richard; Miguel, Francisco. 2002. Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Editora Best Seller.

Pedro, Domingos Augusto. 2013. Famílias unidas pelos sobrinhos: conjugalidades e parentesco entre um grupo de homossexuais na cidade de Maputo. Monografia — Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

Roscoe, W.; Murray, S. O. (eds). 1998. Boy-wives and female-husbands: studies in African homosexualities. New York: St Martin's Press.

Tamale, Sylvia. 2011. African sexualities: a reader. Cape Town: Pambazuka Press.

Timbane, António Martins. 2010. Representações sobre construções identitárias de homossexuais do sexo feminino na cidade de Maputo. Trabalho acadêmico (monografia) — Departamento de Arqueologia e Antropologia, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

Ting-Toomey, Stella. 1999. Communicating across cultures. New York: Guilford Press.

Vance, Carol. 1995. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. Physis, v. 5, n. 1, p. 7-31.